

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Echo Americano: Discursos visuais de modernidade.

Clarisse Ismério*

Resumo: O *Echo Americano* foi um jornal ilustrado que circulou entre os anos de 1871 a 1872, e atualmente, faz parte do acervo de Jornais Raros do Museu de comunicação Social Hipólito José da Costa. O objetivo dos articulistas do jornal era promover a modernização do Brasil do II Império através de um projeto civilizador que difundia um conjunto de práticas e condutas sociais que visavam a reprodução da tecnologia e cultura européia. A meta era modernizar, educar e redefinir a corte Brasileira sob a orientação dos modelos: dos ingleses deveríamos copiar o progresso industrial, comercial e científico; da França a cultura, as artes e o estilo cortesão. Apesar dos atrasos, o Brasil era visto pelos articulistas do jornal como o *Império do Futuro*, essa visão ufanista era justificada através da natureza brasileira, das riquezas naturais e pelo gosto pelo belo.

Palavras-chaves: Jornal, Modernidade, Cultura, Discursos Visuais, Civilidade.

Abstract: The *Echo Americano* was a illustrated journal that circulated between the years 1871 and 1872 and, nowadays, is part of the accumulation of the Rare Journals of the Social communication Museum Hipólito José da Costa. The objective of the article writers of the journal was to promote a modernization of the II Empire Brazil through a civilized project that spread a set of practices and social conducts that aimed the reproduction of the European technology and culture. The purpose was to modernize, educate and redefine the Brazilian court under the Models' orientation: from England they should imitate the industrial, commercial and scientific advance, and, from France, the culture, the arts and the courtier style. Despite of delays, Brazil was seen by the article writers of the journal as the *Future Empire*. This proud vision was justified because of the Brazilian Nature, the natural riches and the taste by the Beauty.

Keywords: Journal, Modernity, Culture, Visual Discourse, Civility.

O jornal ilustrado *Echo Americano*¹, cuja tiragem compreende os anos de 1871 a 1872, era um periódico difusor da cultura européia, preconizando a monarquia como forma ideal de governo e, ao mesmo tempo, que difundia um projeto de modernização do Brasil.

Trazia em suas páginas discursos visuais de obras de arte, arquitetura e projetos urbanísticos das principais cidades européias. Tais discursos funcionavam como instrumentos educativos do projeto civilizador.

O Segundo Império Brasileiro organizava-se através de uma sociedade de corte, nesta perspectiva o jornal colocava-se como órgão difusor de civilidade, que visava educar e controlar essa

* Doutora em História do Brasil, Universidade da Região da Campanha (URCAMP), Pesquisa financiada pela FAPERGS, Bolsa Recém-Doutor (01/06/2000 – 31/05/2001).

¹ Pertence ao acervo de jornais raros do Museu de Comunicação Social do RS "*Hipólito José da Costa*", no qual são encontrados jornais dos anos de 1814 a 1925.

sociedade ainda jovem, através de propostas de civilidade extraídas de sociedades mais “velhas”, como no caso, a Inglaterra e a França.

O jornal ilustrado *Echo Americano* era impresso em Londres, e segundo seus editores, isto se devia à tecnologia de impressão dos artigos e das reproduções das imagens que só este grande centro podia oferecer.

Não era novidade a estreita ligação existente entre o Brasil e a Inglaterra, iniciadas com a vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808. Segundo Sodré durante o II Império os jovens brasileiros iam estudar na Inglaterra, pois queriam adquirir uma cultura mais adiantada e conquistar títulos na corte. Os políticos e os economistas brasileiros também eram influenciados pelo modelo inglês (SODRÉ, 1998: 159).

Muito antes do *Echo Americano* ser lançado, Hipólito José da Costa, que dá nome ao Museu de Comunicação do Rio Grande do Sul, fundou em 1808 o jornal *Correio Brasiliense* também editado em Londres e vendido no Brasil, tendo uma grande aceitação, circulou até 1823. Assim, percebemos que não é estranho a existência de um jornal como o *Echo Americano*, produzido por brasileiros em Londres, que procurava difundir no Brasil valores da cultura européia.

O jornal ilustrado era transportado por barcos a vapor para circular de 15 em 15 dias no Brasil, Portugal e colônias portuguesas, circulou nos anos de 1871 e 1872. O primeiro número data do dia 9 de Maio de 1871. Era vendido pelo preço de 600 rs no Brasil e 300 rs em Portugal.

Constituíam-se de duas partes, uma nacional e outra internacional. Era um jornal escrito na página 2 em francês ou inglês, nas demais era escrito em português. Até o número 7 os artigos culturais e comerciais eram escritos em inglês. Do número 8 em diante os artigos culturais passaram a serem escritos em francês (língua erudita), embora os anúncios comerciais continuassem em inglês (língua popular e comercial).²

A grande importância deste jornal é o fato de ser ilustrado, pois no segundo Império poucos sabiam ler. Conforme o censo de 1872 os índices de analfabetismo eram bastante elevados, sendo que os dados destacam que compreendia 99,9% da população de escravos e 80% na população livre, ao incluir as mulheres o número subia para 86% (ALENCASTRO, 1997: 475).

Através dos dados do censo percebemos a relevância do jornal, que foi criado com o propósito de informar os leitores sobre as novas técnicas desenvolvidas nas formas de comércio, na indústria, nas ciências e nas artes, tudo isso com o intuito de desenvolver o Brasil.

² Esta característica do jornal estava ligada diretamente com a guerra Franco-Prussiana, resultante de problemas de delimitação de fronteiras referente ao território da Alsácia-Lorena em 1871. A guerra trouxe a destruição da cultura francesa abrindo espaço ao "barbarismo". Uma vez restabelecida a ordem às coisas voltam ao normal, reestruturando a cultura francesa e sua influência sobre os demais países.

As imagens presentes no *Echo Americano* criavam um conjunto de percepções cognitivas que levam o leitor a uma experiência de vida significativa. Ao usar discursos visuais buscava educar o leitor analfabeto através dos valores e das experiências que levavam a construção de uma civilidade.

Dentre as muitas imagens, e dos mais variados temas que o jornal reproduzia, encontramos as alegorias do comércio, das ciências e das artes, que fazem de maneira figurativa a representação dos temas centrais da modernização proposta pelo *Echo Americano* para o Império Brasileiro.³



Figura 1- Alegorias do Comércio, Ciências e Artes. Fonte: *Echo Americano*, 24 de junho de 1871, n.º 4. p. 56.

As artes, definidas como literatura, pintura e escultura, tinham um lugar privilegiado entre os assuntos abordados, pois o grande objetivo do *Echo Americano* era difundir a arte européia através de suas reproduções e assim influenciar os artistas brasileiros.

Considerava-se uma verdadeira *escola ou jardim de arte*, estando repleto de símbolos que permitem reconstruir o imaginário e a mentalidade da época. Foi criado para

³ As alegorias seguem a influência greco-romana. O comércio foi caracterizado pelos símbolos distintivos do deus Hermes ou Mercúrio, o gorro alado e o caduceu. Hermes era o deus do comércio e o mensageiro dos deuses, é símbolo da inteligência industriosa e realizadora. O gorro alado evidencia a agilidade e elevação. O caduceu é um bastão em torno do qual se entrelaçam duas serpentes, representando a dupla face do universo, o benéfico e o maléfico, o antagonismo e o equilíbrio cósmico. Os símbolos presentes na alegoria mostram a agilidade e os dois lados do comércio. A âncora simboliza o comércio marítimo, podendo também aqui tentar evidenciar o comércio entre Brasil e Inglaterra. A alegoria das ciências foi representada como uma mulher pensando e as artes como uma das musas gregas. Na mitologia as musas eram as divindades inspiradoras da poesia e das artes. Ao todo eram nove, sendo que cada uma tinha sua especialidade: Caliope, era da poesia épica e da eloquência; Melponeme, a tragédia; Tália, a comédia; Polymia, a poesia lírica; Erato, a poesia erótica; Clio, a história; Euterpe, a música; Terpsycore, a dança e Urânia, a astronomia.

influenciar a formação cultural de grande parte da população do Brasil do segundo reinado, pois deveria entrar tanto na casa do rico como do pobre: “E o Echo Americano terá entrada na choupana do pobre, e na casa do rico, pela modicidade do seu preço” (ECHO AMERICANO, 1871: 2).

Pretendia ser um divisor de águas da imprensa nacional, tanto pelo conteúdo como pelas imagens que trazia. Seria uma luz que guiaria com passos certos ao progresso do Brasil.

O estilo neoclássico marcou fortemente a arte do século XIX no Brasil, sendo que os pintores de maior destaque foram Vitor Meireles e Pedro Américo Leal. Pintaram grandes painéis históricos, fortemente marcados pela teatralidade. Foram responsáveis pelos "retratos" de D. Pedro II. A escultura ficou restrita a arte cemiterial e dos prédios públicos, sendo o maior escultor do período, Rodolfo Bernardelli.

Além de manter o neoclássico como estilo artístico no II Império, também se manteve a mentalidade de que para atingir o refinamento, a sociedade de corte brasileira deveria seguir como modelo à sociedade europeia, especialmente a estética francesa de civilidade.

Para os articulistas do *Echo Americano* as obras de arte serviam como modelo para estudos. Assim, utilizavam as páginas do jornal para estampar quadros e esculturas de grandes artistas. As obras de arte, estátuas e quadros de estilo neoclássicos, eram reproduzidas através de fotos e depois passadas para desenho, para que pudessem ser apreciados pelo público em geral e servirem de inspiração na produção da arte local. Pois, como vimos anteriormente, o *Echo* se autodenominava como uma "*escola ou galeria de artes*".

Um tema bastante comum era mostrar o público europeu visitando as galerias de arte. Era uma forma de mostrar que o povo europeu prestigiava as artes e por isso eram refinados e sua cultura era invejável.

Tal empenho de mostrar obras de arte e o que elas causavam no público era necessário, porque no Brasil não existia um desenvolvimento nas artes visuais como existia na literatura.

A arquitetura do período também era de inspiração neoclássica, assim como a artes plásticas, o jornal se propunha a mostrar a bela arquitetura europeia para que fosse modelo de inspiração para os nossos arquitetos.



Imagem 2 - Obras da arquitetura europeia. Fonte: *Echo Americano*, 9 de junho de 1871, p. 44 .

O *Echo Americano* trazia como proposta a difusão de um projeto civilizador no Brasil, cujas bases estavam alicerçadas na cultura europeia ao mesmo tempo em que reivindicava a modernidade do país. A modernidade só seria conquistada através da educação, saneamento, melhoria dos transportes, projetos na área do urbanismo, construção bibliotecas e fundação de Institutos de Pesquisa. Essas eram consideradas, segundo os articulistas do jornal, as premissas básicas para o país ser civilizado.

Em 1850 foram tomadas medidas que visavam mudar a estrutura política e econômica do Brasil e assim inseri-lo dentro do contexto da modernidade. Tais mudanças foram oriundas do Bill Aberdeen, de 1845, imposto pela Inglaterra ao Brasil através do qual o governo inglês se arrogou o direito de apresar os navios que traficavam escravos. Como resultado, em 1850, através a Lei Eusébio de Queiroz, o tráfico de escravos foi proibido no Brasil, mas o contrabando continuou até 1856.

Com o fim da exportação dos escravos ocorreu uma liberação de capital para outras áreas da economia, que produziram um aumento nas atividades comerciais. Em decorrência surgiram bancos, pequenas indústrias e empresas de navegação.

Outras medidas também foram tomadas, tais como: a promulgação das Leis de Terras, a centralização da guarda nacional e a aprovação do primeiro código comercial. Todas visando colocar o Brasil dentro da proposta de modernização capitalista que se desenvolve de maneira bastante lenta.

Internacionalmente o Brasil era representado por seus grandes vultos, os filhos da terra que construíam a civilidade do país. A capa que ilustra o primeiro número do *Echo Americano* trazia a figura de Carlos Gomes rodeado por instrumentos musicais, como se fosse um deus da música, um Orfeu brasileiro.

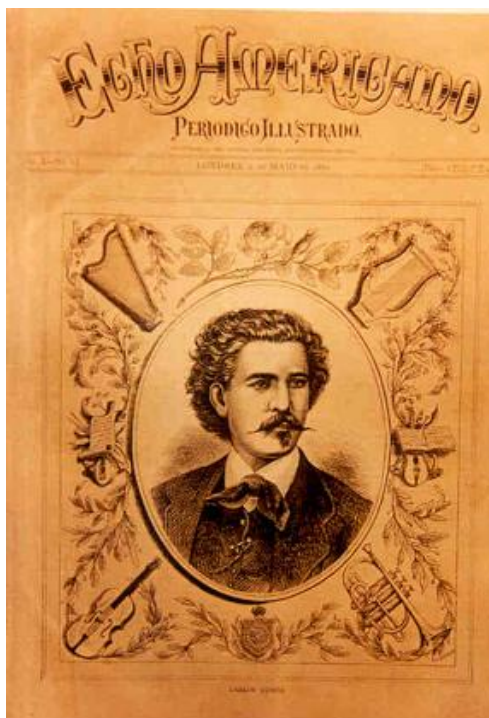


Imagem 3 - Capa que homenageia Carlos Gomes, Fonte: Echo Americano, Londres, 9 de maio de 1871.

No interior do jornal encontra-se um artigo sobre o compositor, no qual relata-se sobre a qualidade da música brasileira argumentando que os lundus e as modinhas eram cultivados e valorizados, considerados manifestações da alma popular. Os lundus cuja, base musical era africana, nasceram da cultura popular, mas logo foram incorporados pela elite local, para serem dançados nos salões de baile da corte carioca. As modinhas tiveram sentido inverso, saíram dos saraus para serem incorporadas pelo povo.

Segundo o artigo, faltava para a cultura brasileira uma forma de representação musical mais elitizada, que fosse fruto do verdadeiro talento artístico nacional. Dessa forma, mostrar os valores e símbolos primitivos do Brasil com grande estilo, servindo de modelo de fecundidade criadora, como no caso referido mostrou Carlos Gomes ao compor a ópera *O Guarani*, consagrada nos palcos italianos.

O artigo apresentava a biografia do maestro para que os leitores pudessem se deleitar com suas conquistas e ao mesmo tempo ter como exemplo de homem este filho da terra, que mesmo sendo de origem humilde soube aprimorar seus dotes e destacar-se como grande artista aclamado na Itália. Mas destacava que a maior criação do talento de Carlos Gomes foi *O Guarani*, ópera em 4 atos. O sucesso ocorreu por retratar um tema exótico aos olhos dos europeus, mostrando a natureza exuberante e dadivosa do Brasil, superior às demais.

A inspiração ardente e original de um filho das recônditas florestas do novo mundo, revelando-se a um público ávido de sensações e dos deslumbramentos de uma arte bebida nas fontes de uma ciência desconhecida, devia produzir sem dúvida assombroso efeito, e dar a um tempo idéia opulenta do artista, e da maravilhosa natureza que lhe serviu de iniciadora (ECHO AMERICANO, 1871: 6).

Delineava a mentalidade de que a natureza dadivosa e edificante do Brasil seria a grande musa inspiradora dos artistas, prova disso, era a aclamação de Carlos Gomes nos palcos europeus, através de sua ópera que mostrava as riquezas naturais do país e todo seu potencial artístico. Contribuindo para a construção do mito de que a natureza era, como hoje ainda é, nosso maior patrimônio.

A “musa” natureza adornava a capa do número dois, que retratava a cascata da Floresta da Tijuca, passando a ser um símbolo que identifica o Império do Cruzeiro como um país soberano de riquezas naturais inesgotáveis.

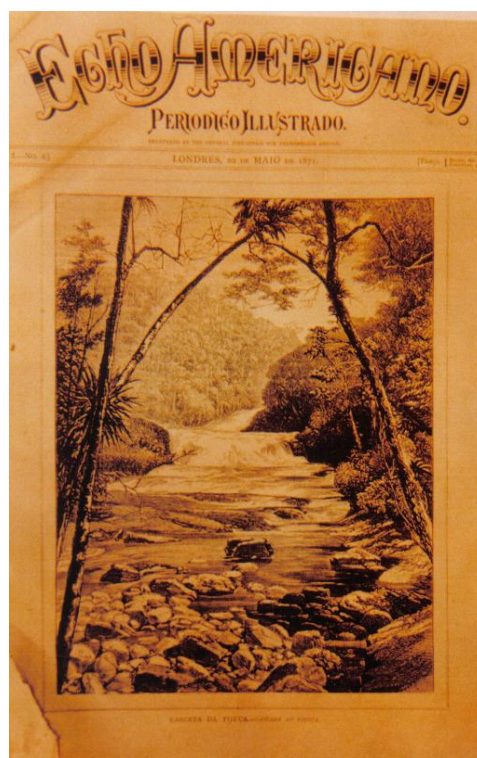


Figura 4 - Cascata da Floresta da Tijuca. Fonte: *Echo Americano*, n.º 2, Londres, 20 de maio de 1871.

A tendência de supervalorizar a natureza era uma das características do Romantismo Brasileiro, que buscou através da temática indianista valorizar a identidade nacional e ao mesmo tempo um diferencial frente às outras nações. Portanto, sob um prisma nacionalista e idealizador, construiu-se uma natureza idílica e paradisíaca, a qual era habitada por índios e nobres guerreiros, todos valentes formadores de nossa nacionalidade.

Seguindo esse raciocínio, a capa da terceira edição mostra os índios coroás ou kaingang, como hoje são conhecidos. Assim, são retratados com roupas impostas pela cultura do homem branco “civilizado”. Andar nu, segundo a visão do civilizador, era um ato de selvageria. Portanto, era natural que o jornal valorize o aldeamento e a aculturação dos indígenas, pois essa proposta visava uma melhoria de vida para estes povos “não civilizados”. Ao mesmo tempo em que em outra edição apresentava outra imagem sob a ótica do europeu, ou seja, a partir de uma visão idealizada.



Figura 5 - Índios Coroás ou Kaingang e Yahuas, Amazonas Fonte: *Echo Americano*, n.º 3, Londres 9 de Junho de 1871. *Echo Americano*, Londres, 2 de dezembro de 1871, n. 15, p. 265.

Existia na época um abismo entre a imagem do índio idealizado pela literatura e artes e a do índio real. A representação do indígena nas artes e na literatura foi construída a partir de atributos e qualidades que o tornavam um guerreiro aos moldes dos cavaleiros medievais, sendo valorizados pela lealdade, valentia, nobreza de caráter e pureza. Tais características são encontradas tanto na construção da figura de Peri, protagonista do romance *O Guarani* (1857), de José de Alencar, como na a ópera de Carlos Gomes como em todas as representações lúdicas sobre os índios.

Em contrapartida, o índio real era tachado de preguiçoso, ladrão, sem caráter, em fim, um selvagem que deveria ser reduzido e educado aos moldes da cultura do branco civilizado.

Um personagem que freqüentemente foi retratado no jornal *Echo Americano* foi o Imperador D. Pedro II. Tais representações serviam como propaganda política para criar uma imagem positiva do governante junto ao seu povo, pois era representado como um homem ilustrado ou como um grande estadista.

A figura do imperador D. Pedro II era bastante questionada por seus súditos. Já em sua juventude era motivo de críticas, quando em 1849 surgiu a idéia de compará-lo com Jorge III da Inglaterra, e assim dirigir uma polêmica contra o poder pessoal do rei. Em 1859, passou a ser alvo da imprensa satírica, o primeiro periódico a satirizá-lo foi o *Charivari Nacional*, sendo seguido por outros (HOLANDA, 1972: 60).

Os constantes desentendimentos entre os partidos Liberal e Conservador, e a acusação do poder pessoal do Imperador culminam com a queda do gabinete em 1868, em plena guerra do Paraguai. Todos esses sintomas mostravam que o país estava diante de inúmeras contestações, sendo que a de maior impacto foi em 1870 com a criação do Partido Republicano que defendia o fim da Monarquia. O partido era formado por liberais e republicanos tradicionais.

Diante deste quadro era natural que os articulistas do *Echo Americano* tentassem difundir para o povo que na Europa a imagem de D. Pedro II era ligada ao progresso, à justiça e a modernidade. O Imperador era representado como um grande estadista, que tinha todas as respostas e decisões certas para solucionar os conflitos internos e externos em que o Brasil estivesse envolvido. Uma imagem difundida para que o Império brasileiro fosse bem visto pelos europeus e pelos próprios brasileiros.

Para Ribeiro, essa idéia estava ligada ao antigo sonho português de tornar-se grandioso frente às monarquias européias. Herdamos o sonho de grandeza quando D. Pedro I tornou o Brasil independente de Portugal e construiu o Império Brasileiro. Essa idéia foi fortalecida pela extensão territorial e pelas doutrinas políticas vigentes na época (RIBEIRO, 1995: 45).

Segundo a autora, D. Pedro I entrou para o imaginário brasileiro como libertador do Brasil do jugo português e fundador da nação e do Império brasileiro. Já D. Pedro II teria encarnado a figura do próprio Estado. Quando menino era o "anjo salvador", mas logo essa imagem foi substituída pela do homem barbudo ostentando as insígnias do Estado,

caracterizando a altivez e virilidade, uma representação que marcou a maioria dos seus "retratos". Em apenas um o imperador aparece ostentando uma farda, personificando um soldado da pátria pronto na defesa da Guerra do Paraguai (RIBEIRO, 1995: 102-103).

A imagem da barba deu ares de sabedoria e equilíbrio ao imperador. A partir de 1870, a barba passou a ser branca, associando a imagem de patriarca, um condutor de homens. O imperador era o símbolo vivo do Estado (SCHWARCZ: 1998).

Durante um longo período no Brasil predominava a mentalidade de que existia uma divisão setorial do trabalho nos países, ou seja, algumas nações eram predestinadas a desenvolver a indústria e outras a agricultura. Como no Brasil a economia era baseada na agricultura, era forte a idéia de que no mercado mundial sua posição era de exportador de matérias primas.

Os cafeicultores, donos de grande parte do capital financeiro do país, não tinham interesse em desenvolver o setor industrial, preferiam reinvestir na agricultura. Faltava, segundo Francisco Iglesias, uma mentalidade associativa e empresarial, pois grande parte dos homens públicos estavam ligados às questões da terra (IGLÉSIAS, 1995: 186).

A industrialização era um dos vetores que deveriam conduzir o Brasil ao progresso e a civilização. Os articulistas do *Echo Americano* apontavam os alguns motivos pelos quais o Brasil não era um país industrial, como a falta de investimentos do governo, ausência de mão de obra livre e especializada.

Apesar das críticas, apostavam no desenvolvimento futuro, pois matéria prima era abundante no Brasil, e esta era a base para que se pudesse desenvolver um projeto industrial, embora ainda faltasse investimento e trabalhadores qualificados. Mas afirmavam que: “Tendo conseguido este resultado, o Brasil tem em si elementos para competir tanto na industria, como em literatura, ciências e nas artes com as nações mais adiantadas de ambos os continentes” (ECHO AMERICANO, 1971:2). Apesar de tudo, o Brasil, na visão do jornal, era predestinado ao desenvolvimento.

A partir da análise dos discursos visuais e escritos presentes no jornal *Echo Americano*, que circulou entre os anos de 1871 a 1872, observamos que trazia como proposta principal um modelo de projeto civilizador para o Brasil Imperial. A meta era modernizar, educar e redefinir a corte Brasileira através dos moldes da cultura européia. Dos ingleses deveríamos copiar o progresso industrial, comercial e científico. Da França a cultura, as artes e o estilo cortesão.

O jornal foi criado para desenvolver novas técnicas ligadas ao comércio, indústria, ciências e arte. As artes eram o principal tema do *Echo Americano*, tanto que se considerava

uma verdadeira escola de artes, pronta para dar aos brasileiros o que de melhor existia nas coleções européias.

O *Echo Americano* reforçava a importância do sistema monárquico para o Brasil. Da mesma maneira que procurava transmitir ao povo brasileiro e à Europa uma imagem favorável do imperador, servia como propaganda favorável do governo num período que se encontrava mergulhado numa profunda crise interna.

Apesar dos atrasos, o Brasil era visto como o *Império do Futuro*, essa visão ufanista era justificada através da natureza brasileira, das riquezas naturais e pelo gosto pelo belo. Denotava o mito da superioridade e predestinação do Brasil, desde que desenvolvesse seu projeto civilizador e alcançasse a modernidade. Os discursos visuais presentes no *Echo Americano* estavam repletos de imagens e mitos que influenciaram e reforçaram uma mentalidade que preconizam o Brasil como o país do futuro, gigante pela própria natureza.

Referências Bibliográficas

- ALENCASTRO, Luiz Felipe. **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 2, São Paulo: Ed. Schwartz, 1997, p.475.
- Echo Americano*, Londres, 1871 a1972.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador. A História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, vol. I e II, 1995.
- FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **História Geral da Civilização Brasileira**. Do Império à República. 4.^a ed., São Paulo: DIFEL, vol. 5, 1972.
- IGLÉSIAS, Francisco. **Trajectoria política do Brasil. 1500-1964**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Ana Eurydice B. **Os Símbolos do Poder. Cerimônias e Imagens do Estado Monárquico no Brasil**. Brasília: UnB, 1995.
- SCHWARCZ, Lilia. **As barbas do Imperador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SODRÉ, Nelson W. **Panorama do Segundo Império**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1998.
- VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo, Brasiliense, 1991.